

A
COMPANHIA
NEGRA



GLEN COOK

Este é para as pessoas da
St. Louis Science Fiction Society.
Amo-vos a todos.

Capítulo Um

LEGADO



OS PRODÍGIOS E OS PORTENTOS EXISTEM EM NÚMERO SUFICIENTE, diz o Zarolho. Só podemos culpar-nos a nós mesmos por não os interpretarmos da melhor forma. A deficiência do Zarolho não prejudica de modo algum a profundidade assombrosa das suas palavras.

Um relâmpago num céu limpo fulminou a Colina Necropolitana. Um raio atingiu a placa de bronze que sela o túmulo dos forvalaka, obliterando metade do feitiço de contenção. Choveram pedras. As estátuas choraram. Sacerdotes de vários templos reportaram vítimas sacrificiais sem corações ou fígados. Uma vítima fugiu depois de as suas tripas terem sido expostas e não voltou a ser capturada. No Quartel da Encruzilhada, onde as Coortes Urbanas se alojavam, a imagem de Teux virou-se completamente ao contrário. Durante cinco noites consecutivas, dez abutres negros sobrevoaram em círculos o Bastião. Até que um deles expulsou a águia que vivia no topo da Torre do Papel.

Os astrólogos recusaram fazer leituras, temendo pelas suas vidas. Um vidente louco vagueou pelas ruas proclamando que o fim do mundo estava iminente. No Bastião, não foi apenas a águia a partir. A hera nas muralhas exteriores mirrou e foi substituída por uma trepadeira que só com o sol mais intenso não parecia negra.

Mas isso acontece todos os anos. Os tolos conseguem tornar qualquer coisa num augúrio em retrospectiva.

A nossa preparação *devia* ter sido melhor. Tínhamos quatro feiticeiros modestamente capazes de prevenção contra amanhã predatórios... mas

nunca conseguiriam ser mais sofisticados do que divinações a partir de entranhas de carneiro.

Mesmo assim, os melhores áugures são aqueles que adivinham a partir dos portentos do passado. Eles compilam arquivos fenomenais.

Beryl ergue-se em perpétuo desequilíbrio, preparada para se despeñar de um precipício sobre o caos. A Rainha das Cidades Preciosas era velha e decadente e louca, repleta do fedor da degeneração e da podridão moral. Só um tolo se surpreenderia com qualquer coisa encontrada a rastejar pelas suas ruas noturnas.

ABRI CADA PORTADA, ANSIANDO POR UMA BRISA DO PORTO, MESMO COM o cheiro a peixe podre. O ar não se movia o suficiente para abanar uma teia de aranha. Limpei a cara e esbocei um esgar ao meu primeiro paciente.

— Outra vez com chatos, Caracóis?

Sorriu debilmente. Tinha a cara pálida.

— É o meu estômago, Físico. — A sua calva parece um ovo de avestruz polido. Daí o nome. Verifiquei o horário de vigias e a folha de serviço. Nada que pudesse querer evitar. — Estou mal, Físico. A sério.

— Hmm. — Assumi a minha postura profissional, certo do que era. A sua pele estava coberta por um suor frio, apesar do calor. — Comeste fora da cantina recentemente, Caracóis? — Uma mosca pousou-lhe na cabeça, passeando-se como um conquistador. Não reparou.

— Sim. Três, quatro vezes.

— Hmm. — Misturei um preparado medonho e leitoso. — Bebe isto. Até ao fim.

O primeiro gole contorceu-lhe a cara inteira.

— Ouve, Físico, eu...

O *cheiro* do preparado enojava-me.

— Bebe, amigo. Dois homens morreram antes de descobrir isso. Depois, o Espeta bebeu e safou-se. — Isso era sabido.

Bebeu.

— Dizes que é veneno? Os malditos Azuis envenenaram-me?

— Tem calma. Vais ficar bem. Sim. Parece-me que sim. — Precisei de abrir o Estrábico e Bruce Bravio para saber a verdade. Era um veneno subtil. — Deita-te ali na enxerga para apanhares a brisa... se a puta decidir soprar. E fica quieto. Deixa o preparado fazer o seu trabalho. — Instalei-o. — Diz-me o que comeste lá fora. — Peguei numa caneta e numa tabela

presa numa prancheta. Fiz o mesmo com o Espeta e com Bruce Bravio, antes de morrer, e pedi ao sargento do pelotão do Estrábico que me relatasse os seus movimentos. Tinha a certeza de que o veneno tinha vindo de uma entre várias tabernas frequentadas pela guarnição do Bastião.

Com o Caracóis, consegui encontrar uma coincidência.

— Na muche! Apanhámos os canalhas.

— Quem? — Estava pronto para ajustar contas pessoalmente.

— Descansa. Vou ver o Capitão. — Bati-lhe com a mão no ombro e verifiquei a sala ao lado. O Caracóis era o único doente da manhã.

Segui pelo caminho mais longo, sobre a Muralha de Trejan, com vista sobre o porto de Beryl. A meio do caminho, parei e olhei para norte, além do molhe, do farol e da Ilha Fortaleza, vendo o Mar dos Tormentos. Velas multicores salpicavam a água suja cinzenta-acastanhada enquanto veleiros costeiros avançavam pela teia de rotas que ligam as Cidades Preciosas. Por cima, o ar era parado, pesado e nebuloso. O horizonte ocultava-se. Mas, junto à água, o ar movia-se. Havia sempre uma brisa à volta da ilha, mesmo que evitasse a costa como se temesse a lepra. Mais perto, as gaivotas em voo circular estavam tão taciturnas e caprichosas como o dia prometia tornar a maioria dos homens.

Mais um verão ao serviço do Síndico de Beryl, transpirados e sujos, escudando-o sem gratidão dos seus rivais políticos e das suas tropas nativas indisciplinadas. Mais um verão a esfalfarmo-nos pela recompensa do Caracóis. O pagamento era bom, mas não em moeda da alma. Os nossos predecessores envergonhar-se-iam se nos vissem tão diminuídos.

Beryl é miséria coagulada, mas é também antiga e intrigante. A sua história é um poço sem fundo cheio de água turva. Divirto-me a mergulhar nas suas profundezas sombrias, tentando separar factos de ficção, lenda e mito. Não é tarefa fácil, pois os historiadores passados da cidade escreviam para agradar aos poderes do seu tempo.

Para mim, o período mais interessante é o reino antigo, que está, pelo menos, satisfatoriamente documentado. Foi então, no reinado de Niam, que os forvalaka vieram, foram vencidos após uma década de terror e foram confinados ao seu túmulo escuro no alto da Colina Necropolitana. Ecos desse terror perduraram no folclore e nas advertências das matronas a crianças insubordinadas. Hoje, já ninguém recorda o que os forvalaka eram.

Recomecei a andar, desesperando por não conseguir antecipar-me ao calor. As sentinelas, nas suas guaritas ensombradas, enrolavam toalhas ao pescoço.

Uma brisa sobressaltou-me. Voltei-me para o porto. Um navio contornava a Ilha, uma besta grande e pesada que se agigantava perante os veleiros e as faluas. Um crânio de prata ornava o centro da sua vela negra enfunada. Os olhos vermelhos desse crânio brilhavam. Chamas cintilavam atrás dos seus dentes partidos. Um aro de prata brilhante envolvia o crânio.

— Que raio é aquilo? — perguntou uma sentinela.

— Não sei, Branquinho. — O tamanho do navio impressionou-me mais do que a sua vela vistosa. Os quatro feiticeiros menores que tínhamos na Companhia conseguiriam igualar aquele artifício. Mas nunca tinha visto uma galé com cinco fileiras de remos.

Recordei a minha missão.

Bati à porta do Capitão. Não respondeu. Fiz-me convidado a entrar e encontrei-o a ressonar na sua grande cadeira de madeira.

— Ei! — gritei. — Fogo! Motins no Gemido! Bailarino na Porta da Aurora! — O Bailarino era um general de antigamente que quase tinha destruído Beryl. O seu nome ainda fazia tremer as pessoas.

O Capitão manteve a calma. Não abriu uma pálpebra nem sorriu.

— És impertinente, Físico. Quando vais aprender a respeitar a hierarquia? — Respeitar a hierarquia significava importunar o Tenente em primeiro lugar. Não lhe interromper a sesta a não ser que os Azuis investissem contra o Bastião.

Expliquei sobre o Caracóis e a minha tabela.

Tirou os pés de cima da mesa.

— Parece-me trabalho para o Misericórdia. — Havia uma dureza na sua voz. A Companhia Negra não tolera ataques maliciosos contra os seus homens.

O MISERICÓRDIA ERA O MAIS CRUEL DOS NOSSOS LÍDERES DE PELOTÃO. Considerou que uma dúzia de homens chegaria, mas permitiu que os acompanhasse juntamente com o Silencioso. Podia remendar os feridos. O Silencioso atrasou-nos meio dia enquanto fazia uma visita rápida à floresta.

— Que raio preparas tu? — perguntei quando regressou, trazendo um saco de aspeto miserável.

Limitou-se a sorrir. Silencioso é e Silencioso fica.

O sítio chamava-se Taberna da Toupeira. Era confortável que chegasse. Ali passei muitas noites. O Misericórdia pôs três homens a guardar a porta dos fundos e um par em cada uma das duas janelas. Enviou outros

dois para o telhado. Todos os edifícios em Beryl tinham um alçapão para o telhado. As pessoas dormiam aí durante o verão.

Levou o resto de nós pela porta principal da Toupeira.

O Misericórdia era um tipo baixo e emproado que apreciava gestos dramáticos. A sua entrada deveria ter sido precedida por fanfarras.

A clientela estacou, olhando fixamente os nossos escudos, lâminas nuas e os vislumbres de caras severas visíveis a custo pelas frestas nas nossas viseiras.

— Verus! — gritou o Misericórdia. — Mostra-te!

O avô da família gerente surgiu. Aproximou-se de nós como um raifeiro esperando um pontapé. Começou um burburinho entre os clientes.

— Silêncio! — trovejou o Misericórdia. Conseguia arrancar um rugido e tanto a um corpo tão pequeno.

— Como podemos servir-vos, honrados senhores? — perguntou o velho.

— Podes trazer para aqui os teus filhos e netos, Azul.

Cadeiras chiaram. Um soldado bateu com a lâmina sobre o tampo de uma mesa.

— Sosseguem — disse o Misericórdia. — Estão só a almoçar, muito bem. Ficarão livres dentro de uma hora.

O velho começou a tremer.

— Não compreendo, senhor. Que fizemos nós?

O sorriso do Misericórdia era cruel.

— Este finge-se bem de inocente. Homicídio, Verus. Duas acusações de homicídio por envenenamento. Duas de homicídio tentado por envenenamento. Os magistrados decretaram a pena dos escravos. — Divertia-se.

O Misericórdia não era uma das minhas pessoas preferidas. Nunca deixou de ser o rapaz que arrancava asas às moscas.

A pena dos escravos significava ser deixado para as aves necrófagas depois de crucificação pública. Em Beryl, só os criminosos eram sepultados sem cremação ou nem sequer eram sepultados.

Ouviu-se alarido na cozinha. Alguém tentava sair pela porta dos fundos. Os nossos homens opunham-se.

A taberna irrompeu numa explosão de humanidade brandindo adagas.

Forçaram-nos a recuar até à porta. Os que não eram culpados temiam, obviamente, ser condenados com os que eram. A justiça de Beryl era rápida, rude e severa e raramente permitia a um réu a oportunidade de limpar o seu nome.

Uma adaga conseguiu passar por um escudo. Um dos nossos homens caiu. Não sou grande combatente, mas coloquei-me no seu lugar. O Misericórdia disse qualquer coisa trocista que não percebi.

— Lá se vai a tua oportunidade de entrar no paraíso — contrapus. — Ficas fora dos Anais para sempre.

— Merda. Não deixas nada de fora.

Uma dúzia de cidadãos caiu. O sangue formou poça nas depressões do chão. Espectadores aglomeraram-se no exterior. Em breve, algum aventureiro atacar-nos-ia pelas costas.

Uma adaga arranhou o Misericórdia. Perdeu a paciência.

— Silencioso!

O Silencioso tinha já começado, mas era Silencioso. Isso significava que não havia som e muito menos brilharete e fúria.

Os clientes da Toupeira começaram a esbofetear as próprias caras e a agitar as mãos no ar, esquecendo-nos. Saltavam e dançavam, levando as mãos às costas e aos traseiros, com guinchos e uivos que davam dó. Vários caíram ao chão.

— Que raio fizeste? — perguntei.

O Silencioso sorriu, mostrando dentes afiados. Passou uma mão sombria diante dos meus olhos. Vi a Toupeira de uma perspectiva ligeiramente alterada.

O saco que tinha trazido de fora da cidade revelou ser um daqueles vespeiros que alguém azarado poderá encontrar na floresta a sul de Beryl. Os seus ocupantes eram os monstros semelhantes a abelhões a que os camponeses chamam vespas-calvas. Têm um temperamento maligno sem comparação na natureza. Semearam rapidamente o pânico entre a clientela da Toupeira, sem incomodarem os nossos rapazes.

— Belo trabalho, Silencioso — disse o Misericórdia, depois de ter descarregado a fúria em vários clientes azarados. Empurrou os sobreviventes para a rua.

Examinei o nosso irmão ferido enquanto um soldado incólume acabava com os feridos do outro lado. O Misericórdia chamava a isso poupar ao Síndico o preço de um julgamento e de um carrasco. O Silencioso olhava, continuando a sorrir. Também não é boa rês, mesmo que raramente se envolva diretamente.

O NÚMERO DE PRISIONEIROIS FOI SUPERIOR AO ESPERADO.

— Uma chusma deles. — Os olhos do Misericórdia cintilavam.

— Obrigado, Silencioso. — Os prisioneiros alinhados alongavam-se por um quarteirão inteiro.

O destino é uma pega inconstante. Conduziu-nos à Taberna da Toupeira num momento crítico. Remexendo por lá, o nosso bruxo encontrou um prémio, uma multidão enfiada num esconderijo por baixo da adega. Entre eles, contavam-se alguns dos Azuis mais conhecidos.

O Misericórdia não tinha tento na língua, questionando-se em voz alta sobre o valor da recompensa que o nosso informador merecia. Não existia nenhum informador. O palavreado destinava-se a evitar que os nossos feiticeiros de estimação se tornassem alvos primordiais. Os nossos inimigos ocupar-se-iam a procurar espíões fantasma.

— Façam-nos avançar — ordenou o Misericórdia. Continuando a sorrir, olhou a multidão de cabeça baixa. — Acham que tentarão alguma coisa? — Não tentaram. A sua confiança suprema reprimia quem tivesse ideias.

Serpenteámos por ruas labirínticas quase tão velhas como o mundo, com os nossos prisioneiros arrastando indolentemente os pés. Abri a boca de espanto. Os meus companheiros são indiferentes ao passado, mas não consigo evitar sentir-me assombrado (e ocasionalmente intimidado) pela antiguidade da história de Beryl.

O Misericórdia ordenou uma paragem inesperada. Tínhamos chegado à Avenida dos Síndicos, que desce da Alfândega, na cidade alta, até à porta principal do Bastião. Passava um cortejo pela Avenida. Mesmo que tivéssemos chegado em primeiro lugar à interseção, o Misericórdia cedeu-lhes a passagem.

O cortejo era composto por uma centena de homens armados. Pareciam mais duros do que qualquer outro homem em Beryl além de nós. À cabeça, seguia uma figura sombria sobre o maior garanhão que alguma vez tinha visto. O cavaleiro era baixo, com uma magreza feminina e coberto com couro negro gasto. Trazia um morrião negro que lhe escondia totalmente a cabeça. Luvas negras escondiam-lhe as mãos. Parecia desarmado.

— Demónios me carreguem — sussurrou o Misericórdia.

Senti-me incomodado. Aquele cavaleiro arrepiava-me. Algo primitivo no meu âmagó queria fugir. Mas a curiosidade atormentava-me mais. Quem era ele? Teria saído daquele navio estranho no porto? Porque estava ali?

O olhar negro do cavaleiro moveu-se sobre nós com indiferença, como se olhasse um mero rebanho de ovelhas. Depois, a cabeça recuou de modo mais brusco, fixando-se no Silencioso.

O Silencioso retribuiu o olhar fixo sem demonstrar medo. E, apesar disso, parecia diminuído, de alguma forma.

A coluna passou, dura, disciplinada. Abalado, o Misericórdia pôs novamente a nossa multidão em marcha. Entrámos no Bastião meros metros atrás dos desconhecidos.

TÍNHAMOS PRENDIDO A MAIOR PARTE DA LIDERANÇA AZUL MAIS CONSERVADORA. Quando a notícia da rusga se espalhou, os mais voláteis decidiram fletir os músculos. Puseram em marcha algo colossal.

O clima perpetuamente massacrante produz efeitos na razão dos homens. A turba de Beryl é selvagem. Ocorrem motins quase sem provocação. Nos piores momentos, os mortos são aos milhares. Este foi um dos piores momentos.

O exército é parte do problema. Uma sucessão de Síndicos fracos e de mandato breve deixaram a disciplina degradar-se. As tropas estão além de qualquer controlo. Mas, no geral, agirão contra os amotinados. Veem a supressão de motins como uma licença para pilhar.

O pior aconteceu. Várias coortes do Quartel da Encruzilhada exigiram um donativo especial antes de obedecerem a uma diretiva para restaurar a ordem. O Síndico recusou pagar.

As coortes amotinaram-se.

O pelotão do Misericórdia foi apressadamente posicionado num ponto-chave perto da Porta do Lixo e rechaçou as três coortes. A maior parte dos nossos homens morreu, mas nenhum fugiu. O próprio Misericórdia perdeu um olho, um dedo, foi ferido num ombro e na anca e tinha mais de cem buracos no escudo quando chegou ajuda. Trouxeram-mo mais morto que vivo.

No final, os amotinados dispersaram em vez de enfrentarem o resto da Companhia Negra.

Foram os piores motins de que havia memória. Perdemos quase cem irmãos, tentando suprimi-los. Mal podíamos suportar a perda de um único. No Gemido, as ruas ficaram cobertas com cadáveres. As ratazanas engordaram. Nuvens de abutres e corvos migraram dos campos.

O Capitão ordenou que a Companhia entrasse no Bastião.

— Que siga o seu curso — disse. — Fizemos que chegue. — A sua disposição azedara até à repulsa. — A nossa comissão não nos exige o suicídio.

Alguém fez um gracejo sobre cairmos sobre as nossas espadas.

— Parece ser isso o que o Síndico espera.

Beryl moeu-nos o moral, mas ninguém ficou tão abatido como o Capitão. Culpou-se pelas nossas perdas. Tentou mesmo demitir-se.

A TURBA CAIU NUM ESFORÇO TACITURNO, RANCOROSO E DESCONEXO para manter o caos, interferindo com quaisquer esforços para combater incêndios ou prevenir a pilhagem. Em todas as ocasiões restantes, limitava-se a vaguear. As coortes amotinadas, engordadas por desertores de outras unidades, sistematizavam o homicídio e o saque.

Na terceira noite, fiquei de vigia na Muralha de Trejan, sob as estrelas inclementes, um tolo voluntário para o serviço de sentinela. A cidade estava estranhamente silenciosa. Ter-me-ia sentido mais ansioso se não estivesse tão cansado. Mal conseguia manter-me acordado.

O Tambor procurou-me.

— Que fazes aqui, Físico?

— Substituo.

— Pareces um defunto empalhado. Descansa.

— Também não tens boa cara, baixote.

Encolheu os ombros.

— Como está o Misericórdia?

— Ainda não se safou. — A verdade era que as minhas esperanças a seu respeito eram poucas. Apontei. — Sabes alguma coisa sobre aquilo? — Um grito isolado ecoou à distância. O seu timbre distinguia-o de outros gritos recentes. Esses tinham sido de dor, raiva e medo. Aquele sugeria algo mais sombrio.

Entaramelou as palavras daquela forma que partilha com o Zarolho, seu irmão. Se alguém não sabe, calculam que valerá a pena guardar segredo. Feiticeiros!

— Diz-se que os amotinados violaram os selos do túmulo dos forvalaka enquanto saqueavam a Colina Necropolitana.

— Hã? Aquelas coisas soltaram-se?

— O Síndico acredita que sim. O Capitão não o leva a sério.

Também não o fiz, mesmo que o Tambor parecesse preocupado.

— Pareciam duros. Os que aqui estiveram no outro dia.

— Deveríamos tê-los recrutado — disse, com uma pontada de tristeza. Está há muito tempo na Companhia, juntamente com o Zarolho. Testemunharam grande parte do seu declínio.

— Porque estiveram aqui?

Encolheu os ombros.

— Descansa, Físico. Não te mates. No fim, não fará diferença nenhuma. — Afastou-se, perdido no emaranhado dos seus pensamentos.

Arqueei uma sobrancelha. Parecia *muito* abatido. Virei-me outra vez para as chamas, para as luzes e para a perturbadora ausência de alarido. Os meus olhos não paravam de perder o foco, turvando-me a visão. O Tambor estava certo. Precisava de dormir.

Da escuridão ergueu-se outro daqueles estranhos gritos desesperados. Aquele estava mais próximo.

— DE PÉ, FÍSICO. — O TENENTE NÃO FOI DELICADO. — O CAPITÃO QUER ver-te na messe dos oficiais.

Gemi. Praguejei. Ameacei caos do pior. O Tenente sorriu, beliscou-me um nervo no cotovelo e fez-me rebolar para o chão.

— Já estou de pé — resmunguei, procurando as botas. — Que se passa? Tinha partido.

— O Misericórdia vai safar-se, Físico? — perguntou o Capitão.

— Não me parece, mas vi milagres maiores.

Todos os oficiais e os sargentos estavam presentes.

— Queres saber o que se passa — disse o Capitão. — O visitante do outro dia era um enviado de além-mar. Ofereceu uma aliança. Os recursos militares do Norte pelo apoio das frotas de Beryl. Pareceu-me razoável. Mas o Síndico teima. Ainda está melindrado pela conquista de Opala. Sugeri que fosse mais flexível. Se estes nortenhos são vilões, a opção da aliança poderá ser o menor dos males. Antes aliado que vassalo. O nosso problema é este: qual será a nossa posição se o legado insistir?

O Doce disse:

— Devemos recusar se nos ordenar que enfrentemos estes nortenhos?

— Talvez. Enfrentar um feiticeiro poderá ser a nossa destruição.

Blam! A porta da messe foi aberta de rompante. Um homem baixo, moreno e magro irrompeu por ela, precedido por um grande nariz adunco. O Capitão baixou a cabeça e bateu com os tacões.

— Síndico.

O nosso visitante bateu com os dois punhos na mesa.

— Ordenaste aos teus homens que se retirassem para o Bastião. Não vos pago para se esconderem como cães açoitados.

— Também não nos pagas para nos martirizarmos — respondeu o Capitão no seu tom de quem argumentava com tolos. — Somos guarda-costas e não polícias. Manter a ordem é função das Coortes Urbanas.

O Síndico estava cansado, abalado, assustado, prestes a perder o que sobrava da sua compostura emocional. Como todos.

— Sê razoável — sugeriu o Capitão. — Beryl está além de qualquer controlo. O caos domina as ruas. Qualquer esforço para restabelecer a ordem está condenado. A cura passou a ser a doença.

Aquilo agradou-me. Tinha começado a odiar Beryl.

O Síndico encolheu-se.

— Há também os forvalaka. E aquele abutre do Norte, esperando ao largo da Ilha.

O Tambor despertou de um torpor.

— Ao largo da Ilha, dizes?

— Esperando que suplique.

— Interessante. — O pequeno feiticeiro voltou a deixar-se afundar na sonolência.

O Capitão e o Síndico discutiram os termos da nossa comissão. Apresentei a nossa cópia do acordo. O Síndico tentou esticar as cláusulas com «sim, mas». Claramente, queria guerra se o legado comesse a aplicar o seu peso considerável para pressionar.

Elmo começou a ressonar. O Capitão dispensou-nos e retomou a discussão com o nosso empregador.

SUPONHO QUE SETE HORAS CONTARÃO COMO UMA NOITE DE SONO. Não estrangulei o Tambor quando me acordou. Mas resmunguei e resisti até ameaçar transformar-me num asno zurrando na Porta da Aurora. Só então, depois de me vestir e de nos juntarmos a uma dúzia de outros, percebi que não fazia ideia do que acontecia.

— Vamos espreitar o túmulo — disse o Tambor.

— Hã? — Em algumas manhãs, não sou nada perspicaz.

— Vamos à Colina Necropolitana para ver o túmulo dos forvalaka.

— Espera lá...

— Medroso? Sempre achei que fosses, Físico.

— De que falas tu?

— Não te preocupes. Terás três feiticeiros magníficos contigo, ocupados

unicamente com a defesa do teu couro. O Zarolho também viria, mas o Capitão quer tê-lo por perto.

— O que quero saber é porquê.

— Para descobrir se os vampiros são reais. Podem ser um ardid daquele navio embruxado.

— Belo truque. Talvez devêssemos pensar melhor no assunto. — A ameaça dos forvalaka tinha feito o que nenhuma força conseguiu: acalmou os motins.

O Tambor acenou com a cabeça. Passou os dedos pelo pequeno tambor que lhe dava nome. Apurei o raciocínio. Registei o momento. É pior que o irmão a admitir falhas.

A cidade estava silenciosa como um velho campo de batalha. Como um campo de batalha, enchia-se de fedor, moscas, necrófagos. E de mortos. O único som era o pisar das nossas botas e, numa ocasião, o uivo pesaroso de um cão triste vigiando o seu dono caído.

— O preço da ordem — murmurei. Tentei enxotar o cão. Não se mexeu.

— O custo do caos — contrapôs o Tambor. *Tum* no seu tambor. — Não é exatamente a mesma coisa, Físico.

A Colina Necropolitana é mais alta do que o monte sobre o qual se ergue o Bastião. Da Cerca Superior, onde se erguem os mausoléus dos abatados, conseguia ver o navio nortenho.

— Ali está à espera — disse o Tambor. — Como o Síndico disse.

— Porque não avançam? Quem conseguiria travá-los?

O Tambor encolheu os ombros. Mais ninguém deu a sua opinião.

Chegámos ao túmulo célebre. Parecia estar à altura do papel que desempenhava em rumores e lendas. Era muito, muito antigo, tinha sido decididamente atingido por um relâmpago e apresentava marcas de feramentas. Uma grossa porta de carvalho tinha sido estourada. Picaretas e fragmentos espalhavam-se num raio de doze metros em redor.

O Duende, o Tambor e o Silencioso começaram a pensar. Alguém fez uma piada sobre poderem ter um cérebro se juntassem os miolos que tinham. O Duende e o Silencioso flanquearam a porta a alguns passos de distância. O Tambor posicionou-se à sua frente. Arrastou os pés como um touro preparando uma investida, encontrou a posição mais favorável e agachou-se com os braços erguidos num gesto estranho, parecendo uma paródia de mestre de artes marciais.

— E se abrissem a porta, imbecis? — rosou. — Idiotas. Tinha de

trazer idiotas comigo. — *Tum-tum* no tambor. — Ficam para aqui com o dedo enfiado no nariz.

Dois de nós seguraram a porta arruinada e tentaram movê-la. Estava demasiado torcida para ceder muito. O Tambor bateu no seu tambor, emitiu um grito medonho e saltou para dentro. O Duende saltitou até à porta atrás dele. O Silencioso aproximou-se com passos rápidos.

No interior, o Tambor guinchou como uma ratazana e começou a espirrar. Cambaleou para fora com olhos lacrimejantes, pressionando o nariz com as mãos. Parecia ter uma constipação grave quando disse:

— Não foi um truque.

A sua pele cor de ébano ficou cinzenta.

— Que dizes? — perguntei.

Apontou o túmulo com um polegar. O Duende e o Silencioso tinham entrado. Começaram a espirrar.

Aproximei-me da porta e espreitei. Não conseguia ver nada. Só pó abundante iluminado pelo sol enquanto dançava perto de mim. A seguir, entrei. Os meus olhos ajustaram-se.

Havia ossos por toda a parte. Ossos em montes, ossos em pilhas, ossos meticulosamente separados por alguém louco. Eram ossos estranhos, semelhantes aos dos homens, mas de proporções estranhas para os meus olhos de médico. Teriam sido originalmente uns cinquenta cadáveres. Tinham-nos empilhado com esmero, no passado. Forvalaka, sem dúvida. Porque Beryl enterra os seus vilões sem cremar.

Havia também cadáveres recentes. Conteí sete soldados mortos antes de começar a espirrar. Vestiam as cores de uma coorte amotinada.

Arrastei um corpo para fora, soltei-o, cambaleei alguns passos e vomitei ruidosamente. Quando me recompus, virei-me para examinar o meu saque.

Os outros erguiam-se em redor com caras verdes.

— Não foi um fantasma que fez isto — disse o Duende. O Tambor acenou com a cabeça. Estava mais abalado que qualquer um dos outros. Mais abalado do que a descoberta justificava, pensei.

O Silencioso deitou mãos à obra, invocando, de alguma forma, uma brisa ligeira que se infiltrou pela porta do mausoléu e voltou a sair, arrastando o pó e o cheiro a morte.

— Estás bem? — perguntei ao Tambor.

Olhou para o meu estojo médico e dispensou os meus cuidados com um aceno da mão.

— Já passa. Estava só a recordar.

Dei-lhe um minuto antes de questionar.

— A recordar?

— Éramos rapazes, o Zarolho e eu. Tinham-nos vendido a N'Gamo, para nos tornarmos seus aprendizes. Chegou um mensageiro de uma aldeia nas montanhas. — Ajoelhou-se ao lado do soldado morto. — Os ferimentos são parecidos.

Senti-me abalado. Nada humano matava assim, mas os danos pareciam deliberados, calculados, a obra de uma qualquer inteligência maligna. Isso tornava aquilo mais horrível.

Engoli em seco, ajoelhei-me e comecei o meu exame. O Silencioso e o Duende entraram no túmulo. O Duende tinha uma pequena bola de luz cor de âmbar aninhada nas mãos em concha.

— Não há sangue — referi.

— Leva o sangue — disse o Tambor. O Silencioso arrastou outro cadáver para fora. — E os órgãos quando tem tempo. — O segundo corpo tinha sido aberto das virilhas às goelas. O coração e o fígado tinham desaparecido.

O Silencioso voltou a entrar. O Duende saiu. Sentou-se numa pedra tumular partida e abanou a cabeça.

— E então? — questionou o Tambor.

— São reais, sem dúvida. Não foi uma partida do nosso amigo. — Apontou. O nortenho continuava a sua patrulha entre um cardume de barcos de pesca e embarcações costeiras. — Havia cinquenta e quatro ali trancados. Comeram-se uns aos outros. Este foi o último que restou.

O Tambor deu um salto como se tivesse sido esbofeteado.

— Que se passa? — perguntei.

— Isso significa que a criatura era a mais ardilosa, cruel e tresloucada do bando.

— Vampiros — murmurei. — Nos nossos dias.

O Tambor disse:

— Não é necessariamente um vampiro. Estamos perante um homem-leopardo, que caminha sobre duas pernas durante o dia e sobre quatro à noite.

Tinha ouvido falar de lobisomens e de homens-urso. Os camponeses à volta da minha cidade natal contavam tais histórias. Nunca tinha ouvido falar de um homem-leopardo. Disse-o ao Tambor.

— O homem-leopardo é do Sul longínquo. Da selva. — Olhou para a selva. — Têm de ser enterrados vivos.

O Silencioso depositou outro cadáver.

Homens-leopardo que bebiam sangue e comiam fígados. Ancestrais, conhecedores da escuridão, preenchidos por um milénio de ódio e fome. Pesadelos, sem dúvida.

— Consegues lidar com isso?

— N'Gamo não consegui. Nunca serei seu igual e perdeu um braço e um pé enquanto tentava destruir um macho jovem. O que temos aqui é uma fêmea velha. Azeda, cruel e esperta. Talvez consigamos resistir-lhe, os quatro. Conquistá-la não.

— Mas se tu e o Zarolho conhecem esta coisa...

— Não. — Tremia. Apertou tanto o tambor que o fez estalar. — Não conseguimos.

O CAOS ESMORECEU. AS RUAS DE BERYL PERMANECERAM TÃO SINISTRAMENTE silenciosas como as de uma cidade conquistada. Até mesmo os amotinados se esconderam até a fome os empurrar para os silos da cidade.

O Síndico tentou pressionar o Capitão. O Capitão ignorou-o. O Silencioso, o Duende e o Zarolho tentaram localizar o monstro. A criatura agia puramente por instinto animal, saciando a fome de uma era. As fações cercaram o Síndico com exigências de proteção.

O Tenente voltou a convocar-nos para a messe dos oficiais. O Capitão não perdeu tempo.

— Homens, a nossa situação é grave. — Caminhou para trás e para diante. — Beryl exige um novo Síndico. Todas as fações pediram à Companhia Negra que se afastasse.

O dilema moral ascendeu a um novo patamar.

— Não somos heróis — continuou o Capitão. — Somos duros. Somos teimosos. Tentamos honrar os nossos compromissos. Mas não morremos por causas perdidas.

Protestei. Era a voz da tradição questionando o que ficou por dizer.

— A questão sobre a mesa é a sobrevivência da Companhia, Físico.

— Aceitámos o ouro, Capitão. A questão sobre a mesa é a honra. Durante quatro séculos, a Companhia Negra cumpriu à letra as suas comissões. Considera o Livro de Set, compilado pelo Analista Coral enquanto a Companhia estava ao serviço do Arconte de Osso, durante a Revolta dos Quiliarcas.

— Considera-o tu, Físico.

Irritei-me.

— Exerço o meu direito como soldado livre.

— Tem o direito de falar — concordou o Tenente. É mais tradicionalista que eu.

— Muito bem. Que fale. Não precisamos de o ouvir.

Insisti na recordação dessa hora mais negra na história da Companhia... até perceber que discutia comigo mesmo. Metade de mim queria vender-se.

— Físico? Terminaste?

Engoli em seco.

— Encontra uma saída legítima e alinhó.

O Tambor acompanhou as minhas palavras com um tamborilar trocista. O Zarolho riu-se.

— Essa é a tarefa do Duende, Físico. Era advogado antes de subir na vida e passar a ser chulo.

O Duende mordeu o isco.

— *Eu* era advogado? Um advogado pegou na tua mãe e...

— Basta! — O Capitão bateu com a mão na mesa. — Temos a aprovação do Físico. Avança. Encontra uma saída.

Os outros pareceram aliviados. Incluindo o Tenente. Como Analista, a minha opinião tinha mais peso do que me agradava.

— A saída óbvia é o término do homem a quem devemos fidelidade — referi. Aquilo pairou no ar como um fedor velho. Como o fedor no túmulo dos forvalaka.

— Na nossa condição debilitada, quem nos culparia por deixarmos passar um assassino?

— As tuas mudanças de opinião são repelentes, Físico — disse o Tambor. Dedicou-me novo tamborilar.

— Diz o roto ao nu? Manteríamos a aparência de honra. *Falhamos*. Regularmente.

— Agrada-me — disse o Capitão. — Vamos suspender isto antes que o Síndico venha perguntar o que se passa. Tu ficas, Tambor. Tenho um trabalho para ti.

FOI UMA NOITE DE GRITOS. UMA NOITE TÓRRIDA E PEGAJOSA DO TIPO que consome a última barreira entre o homem civilizado e o monstro encolhido na sua alma. Os gritos ergueram-se de casas onde o medo, o calor e o excesso de gente forçou demasiado as correntes do monstro.

Um vento fresco soprou do golfo, perseguido por enormes nuvens de tempestade com relâmpagos iluminando-lhe os contornos. O vento soprou para longe o fedor de Beryl. A chuva massacrou as ruas. Quando amanheceu, Beryl parecia uma cidade diferente, silenciosa, fresca e limpa.

As ruas estavam salpicadas com poças enquanto caminhávamos até ao cais. A água da chuva ainda corria sonoramente pelas valetas. Ao meio-dia, o ar voltaria a ficar quente e mais húmido que nunca.

O Tambor esperava-nos num barco que tinha alugado. Disse:

— Quanto meteste ao bolso neste negócio? Esta escuna parece capaz de afundar antes de zarpar da Ilha.

— Nem um cobre, Físico. — Parecia desiludido. Juntamente com o irmão, eram grandes ladrões e negociantes no mercado negro — Nem um cobre. É uma embarcação mais ágil do que parece. O seu mestre é contrabandista.

— Aceito a tua palavra. Talvez saibas do que falas. — Mesmo assim, pisei com cautela enquanto subia a bordo. Vi-o franzir a testa. Devíamos fingir que a avareza do Tambor e do Zarolho não existiam.

Partimos para o mar para fazer um acordo. O Tambor tinha carta branca do Capitão. O Tenente e eu seguíamos também para lhe aplicar um pontapé rápido se se empolgasse demasiado. O Silencioso e meia dúzia de soldados acompanhavam-nos como demonstração de força.

Uma lancha alfandegária fez-nos sinal ao largo da Ilha. Afastámo-nos antes que conseguisse pôr-se em marcha. Agachei-me, espreitando sob a retranca. O navio negro parecia cada vez maior.

— Aquela maldita coisa é uma ilha flutuante.

— Grande de mais — rosnou o Tenente. — Um navio daquele tamanho não conseguiria manter-se inteiro em mar bravo.

— Porque não? Como sabes? — Mesmo confuso, a minha curiosidade acerca dos meus irmãos não esmorecia.

— Naveguei como grumete na minha juventude. Aprendi como são os navios. — O seu tom de voz desencorajava novas perguntas. A maioria dos homens desejava manter os seus antecedentes privados. Como se esperaria numa companhia de vilões unida pelo seu presente e pelo passado de nós-contra-o-mundo.

— Não é demasiado grande para quem tenha o artifício taumatúrgico para o fortalecer — contrapôs o Tambor. Estava agitado, fazendo soar o tambor com ritmos aleatórios e nervosos. Tanto ele como o Zarolho odiavam a água.

Portanto. Um misterioso encantador nortenho. Um navio tão negro como o fundo do inferno. Os meus nervos começaram a dar de si.

A tripulação do navio desceu uma escada. O Tenente subiu. Parecia impressionado.

Não sou marinheiro, mas o navio parecia apumado e disciplinado.

Um oficial subalterno avaliou com o olhar o Tambor, o Silencioso e a mim e pediu-nos que o acompanhássemos. Conduziu-nos escadas abaixo e através de passagens até à popa, sem dizer nada.

O emissário do Norte sentava-se de pernas cruzadas sobre ricas almofadas, contra as janelas abertas do navio, numa cabina digna de um potentado oriental. Abri a boca de espanto. O Tambor ferveilhou com cobiça. O emissário riu-se.

O riso foi um choque. Um arremedo de gargalhada agudo mais adequado a uma dama de taberna noturna com quinze anos do que a um homem mais poderoso que qualquer rei.

— Perdoem-me — disse, colocando delicadamente uma mão sobre o sítio onde ficaria a sua boca se não usasse aquele morrião preto. A seguir: — Sentem-se.

Arregalei involuntariamente os olhos. Cada frase era pronunciada numa voz distintamente diferente. Haveria um comité inteiro dentro daquele capacete?

O Tambor inspirava avidamente. O Silencioso, sendo Silencioso, apenas se sentou. Segui-lhe o exemplo e tentei não ser demasiado ofensivo com o meu olhar assustado e curioso.

O Tambor não foi o melhor diplomata naquele dia. Exclamou:

— O Síndico não durará muito mais. Queremos estabelecer um acordo...

O Silencioso espetou-lhe uma bota na coxa.

Murmurei:

— É este o nosso ousado príncipe de ladrões? O nosso homem com nervos de ferro?

O legado riu-se.

— És o médico? O Físico? Perdoa-o. Conhece-me.

Um medo muito frio envolveu-me nas suas asas escuras. O suor humedeceu-me as têmporas. Nada tinha a ver com o calor. Uma brisa marinha fresca entrava pelas janelas, uma brisa pela qual os homens de Beryl matariam.

— Não há motivo para me temerem. Fui enviado para oferecer uma

aliança destinada a beneficiar tanto Beryl como a minha gente. Continuo convicto de que poderemos chegar a um acordo... mas não com o presente autocrata. O vosso problema terá a mesma solução que o meu, mas a vossa comissão não vos permite grande margem de manobra.

— Sabe tudo. É inútil argumentar — gemeu o Tambor. Bateu no instrumento, mas o seu talismã não o ajudou. Engasgava-se.

O legado referiu:

— O Síndico não é invulnerável. Mesmo guardado por vós. — Um gato enorme comeu a língua do Tambor. O enviado olhou-me. Encolhi os ombros. — Suponhamos que o Síndico perecia enquanto a vossa companhia defendia o Bastião da turba...

— Ideal — disse-lhe. — Mas não leva em consideração a questão da nossa segurança posterior.

— Repelem a turba e descubrem o morto. Deixam de estar empregados e partem de Beryl.

— E para onde vamos? E como escapamos aos nossos inimigos? As Coortes Urbanas perseguir-nos-iam.

— Digam ao vosso Capitão que, após descoberta do falecimento do Síndico, se receber um pedido por escrito para mediar a sucessão, as minhas forças vos renderão no Bastião. Deixariam Beryl e acampariam no Pilar da Angústia.

O Pilar da Angústia é um cabo de cré perfurado com incontáveis pequenas cavernas. Projeta-se pelo mar dentro a um dia de marcha para leste de Beryl. Um farol/torre de vigia ergue-se aí. O nome deriva do gemido produzido pelo vento quando atravessa as cavernas.

— É uma maldita armadilha. Os malditos sodomitas limitar-se-iam a cercar-nos e a esperar que nos comêssemos uns aos outros.

— Seria uma simples questão de enviar discretamente barcos para vos retirar de lá.

Ding-ding. Um alarme soou dez centímetros atrás dos meus olhos. Este filho da puta jogava connosco.

— Por que raio farias tal coisa?

— A vossa companhia ficaria desempregada. Estaria disposto a pagar a vossa comissão. Há necessidade de bons soldados do Norte.

Ding-ding. A velha campanha continuava a soar. Queria contratar-nos? Para quê?

Algo me disse que aquele não era o momento para perguntar. Mudei os pés de sítio.

— E o forvalaka? — Uma guinada esperada.

— A criatura que saiu da cripta? — A voz do enviado era da mulher nos nossos sonhos, ronronando «vem». — Talvez tenha uso também para ela.

— Conseguirás controlá-la?

— Depois de cumprir o seu propósito.

Recordei o relâmpago que tinha obliterado um feitiço de contenção numa placa que resistira durante um milénio. Mantive as suspeitas longe da face, sem dúvida. Mas o emissário riu-se.

— Talvez, Físico. Ou talvez não. Um enigma interessante, não? Voltem para o vosso capitão. Decidam. Rapidamente. Os vossos inimigos estão prontos para avançar. — Fez um gesto que nos dispensou.

— ENTREGA A MALA! — ROSNOU O CAPITÃO AO DOCE. — E VOLTA PARA aqui.

O Doce pegou na mala de mensageiro e partiu.

— Mais alguém quer discutir? Tiveram a vossa oportunidade para se livrarem de mim, miseráveis. Desperdiçaram-na.

Os temperamentos estavam alvoroçados. O Capitão apresentou uma contraproposta ao legado e recebeu a sua oferta de apadrinhamento se o Síndico morresse. O Doce levava a resposta do Capitão ao enviado.

O Tambor murmurou:

— Não sabes o que fazes. Não sabes com quem te alias.

— Esclarece-me. Não? Físico. Como estão as coisas lá fora? — Tinha sido enviado como batedor à cidade.

— É peste, sem dúvida. Mas diferente de qualquer outra que alguma vez tenha visto. O forvalaka será o vetor.

O Capitão semicerrou-me os olhos.

— Palavreado de médico. Um vetor é um portador. A peste forma bolsas em torno dos seus mortos.

O Capitão rosnou.

— Tambor? Conheces esta besta.

— Nunca ouvi falar de um que espalhasse doenças. E todos os que entraram no túmulo continuam saudáveis.

Intrometi-me.

— O portador não importa. A peste, sim. Piorará se não começarem a queimar os corpos.

— Ainda não chegou ao Bastião — referiu o Capitão. — E teve um efeito positivo. Os homens da guarnição habitual pararam de desertar.

— Encontrei muito antagonismo no Gemido. Estão prestes a explodir outra vez.

— Quando?

— Dentro de dois dias? Três no exterior.

O Capitão mordeu o lábio. O espaço apertado apertava-se mais ainda.

— Precisamos de...

Um tribuno da guarnição entrou pela porta dentro.

— Há uma multidão diante da porta. Trazem um aríete.

— Vamos — disse o Capitão.

Precisámos apenas de minutos para os fazermos dispersar. Alguns projéteis e algumas panelas de água quente. Fugiram, alvejando-nos com pragas e insultos.

A noite caiu. Deixei-me ficar na muralha, vendo archotes distantes vagueando pela cidade. A multidão evoluía, desenvolvendo um sistema nervoso. Se desenvolvesse um cérebro, estaríamos cercados por uma revolução.

O movimento dos archotes acabou por diminuir. A explosão não ocorreria naquela noite. Talvez no dia seguinte, se o calor e a humidade se tornassem demasiado opressivos.

Mais tarde, ouvi algo arranhar à minha direita. Seguiram-se estalos. Algo arrastando. Eram sons muito baixos, mas inegáveis. Aproximando-se. O terror preencheu-me. Fiquei tão imóvel como as gárgulas empoleiradas sobre a porta. A brisa tornou-se um vento ártico.

Alguma coisa subiu as ameias. Olhos vermelhos. Quatro patas. Negra como a noite. Uma pantera negra. Moveu-se com a fluidez de água descendo uma encosta. Desceu as escadas para o pátio com patas almofadadas e desapareceu.

O macaco ao fundo do meu cérebro quis trepar uma árvore alta, guinchando e arremessando excremento e fruta podre. Fugi em direção à porta mais próxima, segui por um caminho seguro até aos aposentos do Capitão e entrei sem bater.

Encontrei-o na sua enxerga, com as mãos atrás da cabeça, fitando o teto. O seu quarto era iluminado por uma única vela débil.

— O forvalaka está no Bastião. Vi-o passar a muralha. — A minha voz guinchava como a do Duende.

Grunhiu.

— Ouves-me?

— Ouvi, Físico. Vai-te. Deixa-me em paz.

— Sim, senhor. — Ou seja. Comê-lo-ia. Recuei para a porta...

O grito foi sonoro longo e desesperado e terminou abruptamente. Veio dos aposentos do Síndico. Desembainhei a espada, corri pela porta fora e choquei contra o Doce. O Doce caiu. Ergui-me sobre ele, questionando-me debilmente sobre o que o fazia regressar tão cedo.

— Entra, Físico — ordenou o Capitão. — Queres morrer? — Mais gritos dos aposentos do Síndico. A morte não era seletiva.

Puxei o Doce para dentro. Trancámos a porta. Encostei-me a ela, fechando os olhos, arfando. Podia ter sido a minha imaginação, mas pareceu-me ouvir algo rosnar enquanto passava do outro lado.

— E agora? — perguntou o Doce. Estava pálido. As mãos tremiam-lhe.

O Capitão acabou de rabiscar uma carta. Passou-lha.

— Agora, voltas.

ALGUÉM BATEU COM FORÇA NA PORTA.

— Que foi? — ripostou o Capitão.

Uma voz abafada pela madeira respondeu. Disse:

— É o Zanolho.

— Abre.

Abri. O Zanolho, o Tambor, o Duende, o Silencioso e uma dúzia de outros entraram apressadamente. O quarto ficou quente e apinhado. O Tambor disse:

— O homem-leopardo está no Bastião, Capitão. — Esqueceu-se de sublinhar a frase com o tambor. Pendia-lhe ao lado da anca.

Outro grito dos aposentos do Síndico. A minha imaginação tinha-me enganado *realmente*.

— Que fazemos? — perguntou o Zanolho. Era um homenzinho negro e enrugado. Não era maior que o seu irmão e costumava demonstrar um bizarro sentido de humor. Era um ano mais velho que o Tambor, mas, na sua idade, já ninguém contava anos. Ambos tinham passado a centena, se os Anais fossem credíveis. Estava aterrado. O Tambor estava no limiar da histeria. Também o Duende e o Silencioso estavam abalados. — Pode apanhar-nos um a um.

— Podemos matá-lo?

— São quase invencíveis, Capitão.

— Podemos matá-los? — O Capitão endureceu o tom de voz. Também estava assustado.

— Sim — admitiu o Zarolho. Parecia um pouco menos assustado que o Tambor. — Nada é invulnerável. Nem aquela coisa no navio negro. Mas esta é forte, rápida e esperta. As armas de pouco servem. A feitiçaria é melhor, mas também não ajuda grande coisa. — Nunca antes o tinha ouvido admitir limitações.

— Falámos que chegue — rosnou o Capitão. — Agora, agimos. — O nosso comandante era difícil de perceber, mas, naquele momento, estava transparente. A raiva e a frustração perante uma situação impossível tinham-se fixado no forvalaka.

O Tambor e o Zarolho protestaram veementemente.

— Pensam nisto desde que descobriram que aquela coisa estava solta — disse o Capitão. — Decidiram o que fariam se fosse preciso. Façamo-lo.

Outro grito.

— A Torre do Papel estará transformada num matadouro — murmurei. — A criatura caça todos os que lá estão.

Por um momento, pensei que até o Silencioso protestaria.

O Capitão armou-se.

— Fósforo, reúne os homens. Selem todas as entradas da Torre do Papel. Elmo, escolhe uns bons alabardeiros e besteiros. Com virotos envenenados.

Passaram vinte minutos. Perdi a conta aos gritos. Perdi a conta a tudo além da trepidação crescente e das perguntas. Porque invadiu o forvalaka o Bastião? Porque persistia na sua caçada? Era movido por mais do que fome.

O legado tinha insinuado ter um uso para ele. Qual era? Aquilo? Porque colaborávamos com alguém que faria semelhante coisa?

Os quatro feiticeiros uniram esforços no feitiço que nos precedia, crepitando. O próprio ar projetava faíscas azuis. Os alabardeiros avançavam em seguida. Tinham os besteiros à retaguarda. Atrás deles, outra dúzia dos nossos entrou nos aposentos do Síndico.

Anticlímax. A antecâmara da Torre do Papel parecia perfeitamente normal.

— Está lá em cima — disse-nos o Zarolho.

O Capitão virou-se para a passagem atrás de nós.

— Fósforo, traz os teus homens para dentro. — Planeou avançar uma divisão de cada vez, selando as saídas e deixando apenas uma para a retirada. Tinham dito que a coisa seria mais perigosa quando estivesse encurralada. Um silêncio sinistro envolveu-nos. Há vários minutos que não havia gritos.

Encontrámos a primeira vítima ao fundo da escadaria que conduzia à Torre propriamente dita.

— Um dos nossos — resmunguei. O Síndico tinha sempre por perto um esquadrão da Companhia. — Os quartos ficam no piso superior? — Nunca tinha estado dentro da Torre do Papel.

O Capitão anuiu.

— Piso da cozinha, piso das despensas, aposentos dos criados em dois pisos, depois a família e, a seguir, o piso pessoal do Síndico. Biblioteca e gabinetes no topo. Quer tornar difícil chegar até ele.

Examinei o cadáver.

— Não está exatamente como os do túmulo. Tambor. Não levou sangue nem órgãos. Porquê?

Não me respondeu. O Zorolho também não.

O Capitão espreitou as sombras no alto.

— Agora, complica-se. Alabardeiros, um passo de cada vez. Mantenham as armas em baixo. Besteiros, quatro ou cinco passos atrás. Disparem contra tudo o que se mexa. Espadas desembainhadas, todos. Zorolho, avança o teu feitiço.

Estalo. Passo, passo, cuidado. O fedor do medo. *Clang!* Um homem disparou a besta por acidente. O Capitão cuspiu e rugiu como um vulcão enfurecido.

Não havia nada para ver.

Aposentos dos criados. Sangue salpicando as paredes. Cadáveres e pedaços de cadáveres espalhados por toda a parte entre mobiliário invariavelmente destruído. Existem homens duros na Companhia, mas até os mais duros ficaram abalados. Até eu, que tinha visto enquanto médico o pior que um campo de batalha poderá oferecer.

O Tenente disse:

— Capitão, vou chamar o resto da Companhia. Esta coisa não escapa. — O seu tom de voz não tolerava contradição. O Capitão limitou-se a acenar com a cabeça.

A carnificina provocava esse efeito. O medo desvaneceu-se um pouco. A maioria de nós decidiu que a criatura tinha de ser destruída.

Um grito ouviu-se no alto. Era como uma provocação que nos era destinada, desafiando-nos a subir. Homens de olhos duros olharam para os degraus. O ar estalou enquanto o feitiço os precedia. O Tambor e o Zorolho suprimiram o horror que sentiam. A caçada mortal começou a sério.

Um abutre tinha expulsado a águia do seu ninho no topo da Torre do Papel, um augúrio funesto, sem dúvida. Não tinha esperanças quanto à sobrevivência do nosso empregador.

Subimos cinco andares. O sangue e as entranhas tornavam óbvio que o forvalaka tinha visitado cada um deles...

O Tambor ergueu uma mão e apontou. O forvalaka estava próximo. Os alabardeiros ajoelharam atrás das suas armas. Os besteiros miraram sombras. O Tambor esperou meio minuto. Juntamente com o Zanolho, o Silencioso e o Duende ficaram atentos, tentando ouvir o que o resto do mundo poderia apenas imaginar. A seguir:

— Espera-nos. Tenham cuidado. Não lhe permitam uma abertura.

Fiz uma pergunta estúpida, demasiado tarde para que a resposta ajudasse alguém.

— Não deveríamos usar armas de prata? As pontas dos virotes e as lâminas?

O Tambor pareceu intrigado.

— No sítio de onde venho, os camponeses dizem que os lobisomens se matam com prata.

— Trampa. Matam-se como se mata qualquer outra coisa. Mas é preciso que nos movamos mais depressa e que golpeemos com mais força porque só temos uma oportunidade.

Quanto mais revelava, menos terrível a criatura parecia. Era como caçar um leão desvairado. Porquê tanto alarido?

Recordei os aposentos dos criados.

— Fiquem todos quietos — disse o Tambor. — E calados. Tentaremos uma projeção. — Voltou a unir esforços com os seus companheiros. Após algum tempo, indicou que devíamos retomar o avanço.

Chegámos a um patamar e aí nos amontoámos, formando um ouriço-cacheiro com espinhos de aço. Os feiticeiros aceleraram o seu encantamento. Um rugido furioso ergueu-se das sombras à frente, seguindo-se o raspar de garras. Algo se moveu. As cordas das bestas vibraram. Novo rugido, quase trocista. Os feiticeiros voltaram a unir as cabeças. Em baixo, o Tenente ordenava aos homens que ocupassem posições por onde o forvalaka teria de passar para fugir.

Avançámos pela escuridão, com a tensão aumentando. Cadáveres e sangue tornaram os passos traiçoeiros. Os homens apressaram-se a trancar portas. Lentamente, entrámos por uma sucessão de gabinetes. Em duas ocasiões, movimentos atraíram disparos de besta.

O forvalaka uivou a menos de seis metros de distância. O suspiro do Tambor foi meio gemido.

— Aqui está — disse, significando aquilo que o feitiço alcançara a criatura.

A seis metros. Perto de nós. Não via nada... Algo se moveu. Viotes voaram. Um homem gritou...

— Maldição! — praguejou o Capitão. — Alguma coisa continuava viva no alto.

Alguma coisa tão negra como o coração da noite, tão rápida como a morte inesperada, saltou sobre as alabardas. Tive tempo para um único pensamento (*Depressa!*) antes de estar entre nós. Homens voaram em redor, gritando, atropalhando-se uns aos outros. O monstro rugiu e rugiu, projetando garras e presas com rapidez que os olhos não conseguiam seguir. Numa ocasião, pareceu-me que cortei um flanco de escuridão antes de um golpe me projetar uns três metros.

Consegui levantar-me e encostei-me a um pilar. Tive a certeza de que morreria, tive a certeza de que a criatura nos mataria a todos. A arrogância de pensarmos que conseguiríamos lidar com ela. Passaram apenas segundos. Meia dúzia de homens tinha morrido. Mais estavam feridos. O forvalaka não parecia ter abrandado e muito menos parecia ferido. Nem armas nem feitiços o afetavam.

Os nossos feiticeiros erguiam-se num aglomerado compacto, tentando produzir novo encantamento. O Capitão formou um segundo núcleo. O resto dos homens dispersou. O monstro corria em redor, atacando um homem de cada vez.

Fogo cinzento dançava em redor, expondo por um momento a totalidade do espaço e colocando-me a dimensão da carnificina perante os olhos. O forvalaka gritou, daquela vez com dor genuína. Um ponto para os feiticeiros.

Correu para mim. Golpeei em pânico quando passou por mim. Falhei. Girou, ganhou balanço e saltou sobre os feiticeiros. Responderam com outro feitiço brilhante. O forvalaka uivou. Um homem guinchou. O monstro contorceu-se no chão como uma cobra moribunda. Homens golpearam-na com alabardas e espadas. Voltou a erguer-se e correu para a saída que tínhamos deixado aberta para a nossa retirada.

— Vem aí! — gritou o Capitão ao Tenente.

Deixei-me escorregar, sentindo apenas alívio. Tinha partido... Antes que o meu traseiro tocasse no chão. O Zarolho puxava-me para cima.

— Vem, Físico. Atingiu o Tambor. Tens de ajudar.

Cambaleei até ele, apercebendo-me subitamente de um corte superficial por uma perna abaixo.

— Será melhor limpar bem — murmurei. — Aquelas garras estarão imundas.

O Tambor era um destroço torcido de humanidade. A sua garganta tinha sido rasgada e tinha a barriga aberta. Os braços e o peito tinham sido reduzidos a osso. Espantosamente, continuava vivo, mas não havia nada que pudesse fazer. Nem mesmo um mestre feiticeiro, especializado em reparar ferimentos, teria conseguido salvar o pequeno homem negro. Mas o Zanolho insistiu que tentasse e tentei até o Capitão me arrastar para me ocupar de homens cuja morte era menos certa. O Zanolho berrava-lhe enquanto me afastava.

— Tragam luzes! — ordenei. Ao mesmo tempo, o Capitão começou a reunir os que não estavam feridos junto da porta aberta, dizendo-lhes que a defendessem.

Quando a luz aumentou, a dimensão da catástrofe tornou-se mais evidente. Tínhamos sido dizimados. Pior que isso, uma dúzia de irmãos que não tinham estado connosco estavam espalhados pela câmara. Tinham estado de serviço. Entre eles, havia igual número de secretários e conselheiros do Síndico.

— Alguém viu o Síndico? — perguntou o Capitão. — Terá estado aqui. — Começou a procurar, com o Fósforo e Elmo. Não pude segui-los. Così e remendei como louco, aproveitando toda a ajuda que conseguisse encontrar. O forvalaka deixou marcas de garras profundas que exigiam pontos cuidadosos e habilidosos.

De alguma forma, o Duende e o Silencioso conseguiram acalmar suficientemente o Zanolho para poder ajudar. Talvez lhe tivessem feito alguma coisa. Trabalhou num torpor no limiar da consciência.

Voltei a olhar para o Tambor quando tive oportunidade. *Continuava vivo*, segurando o seu pequeno tambor. Maldição! Tanta teimosia merecia recompensa. Mas como? Os meus conhecimentos não se adequavam, pura e simplesmente.

— Ei! — gritou o Fósforo. — Capitão! — Olhei. Tocava uma arca com a sua espada.

A arca era de pedra. Um cofre do tipo preferido pelos ricos de Beryl. Calculei que pesaria uns duzentos quilos. O seu exterior tinha sido ricamente esculpido. A maior parte dos enfeites tinham sido destruídos. Por garras?

Elmo destruiu o cadeado e ergueu a tampa. Vi um homem deitado sobre ouro e pedras preciosas, com os braços sobre a cabeça, tremendo. Elmo e o Capitão trocaram um olhar sombrio.

A chegada do Tenente distraiu-me. Tinha-se mantido nas escadas até ficar preocupado por não acontecer nada. O forvalaka não desceu.

— Procurem na torre — disse-lhe o Capitão. — Talvez tenha subido. — Restava um par de pisos acima de nós.

Quando voltei a olhar para a arca, estava outra vez fechada. Não se via nada do nosso empregador. O Fósforo sentou-se sobre ela, limpando as unhas com uma adaga. Olhei para o Capitão e para Elmo. Havia neles algo um pouco estranho.

Teriam feito o trabalho do forvalaka? Não. O Capitão não trairia os ideais da Companhia dessa forma. Ou fá-lo-ia?

Não perguntei.

A busca na torre não revelou nada além de um rasto de sangue que conduzia ao topo, onde o forvalaka repousara para recuperar forças. Tinha sido ferido com gravidade, mas fugiu descendo pelo exterior da torre.

Alguém sugeriu que o seguíssemos. A resposta do Capitão a isso foi:

— Deixamos Beryl. Já não temos comissão. Precisamos de ir antes que a cidade se volte contra nós. — Enviou o Fósforo e Elmo para vigiarem a guarnição nativa. Os outros evacuaram os feridos da Torre do Papel.

Durante vários minutos, fiquei ali sem companhia. Olhei a grande arca de pedra. A tentação cresceu, mas resisti. Não queria saber.

O DOCE REGRESSOU DEPOIS DE TODA A EXCITAÇÃO. DISSE-NOS QUE O legado estava no cais e que as suas tropas desembarcavam.

Os homens reuniam pertences e transportavam-nos, alguns murmurando sobre os acontecimentos na Torre do Papel e outros reclamando da partida. Quem parasse de se mexer, imediatamente ganhava raízes. Acumulavam-se coisas. Encontrava-se uma mulher. A seguir, o inevitável acontecia e era preciso deixar tudo. Muita dor flutuava pelo nosso quartel.

Estava na porta quando os nortenhos vieram. Ajudei a girar o cabrestante que ergueu o rastrilho. Não senti grande orgulho. Sem a minha aprovação, o Síndico poderia não ter sido traído.

O legado ocupou o Bastião. A Companhia iniciou a sua evacuação. Estaríamos na terceira hora depois da meia-noite e as ruas estavam desertas.

A dois terços do caminho para a Porta da Aurora, o Capitão ordenou uma paragem. Os sargentos reuniram todos os que estivessem capazes de lutar. Os outros seguiram com as carroças.

O Capitão levou-nos para norte, pela Avenida do Império Velho, onde os imperadores e os seus triunfos eram recordados. Muitos dos monumentos eram bizarros e celebravam insignificâncias como as suas preferências de cavalos, gladiadores ou amantes de ambos os sexos.

Tive um mau pressentimento antes mesmo de chegarmos à Porta do Lixo. A inquietação tornou-se suspeita e a suspeita evoluiu para uma certeza ameaçadora enquanto entrávamos no campo marcial. Não há nada perto da Porta do Lixo além do Quartel da Encruzilhada.

O Capitão não fez qualquer declaração específica. Quando chegámos ao complexo da Encruzilhada, todos os homens percebiam o que aconteceria.

As Coortes Urbanas continuavam descuidadas. A porta do complexo estava aberta e o vigia solitário dormia. Marchámos para o interior sem resistência. O Capitão começou a distribuir tarefas.

Entre cinco e seis mil homens permaneciam ali. Os seus oficiais tinham restabelecido alguma disciplina, convencendo-os a devolverem as armas aos arsenais. Tradicionalmente, os capitães de Beryl confiavam armas aos seus homens apenas na véspera da batalha.

Três pelotões avançaram diretamente para o quartel, matando homens nas suas camas. O pelotão restante formou uma barreira no extremo oposto do complexo.

O sol erguera-se antes de o Capitão ficar satisfeito. Partimos e apresámos o passo para alcançar a nossa bagagem. Não havia nenhum homem entre nós que não tivesse tido o seu quinhão.

Não nos perseguiram, claro. Ninguém veio cercar o acampamento que levantámos no Pilar da Angústia. E isso era tudo o que importava. Isso e a exteriorização de vários anos de raiva acumulada.

ELMO E EU ERGUÍAMO-NOS NA PONTA DO CABO, VENDO O SOL ILUMINAR os contornos de uma tempestade no mar, a grande distância. Tinha-se aproximado e inundado o nosso acampamento com a sua chuva fresca, antes de voltar a afastar-se pelo mar fora. Era bela, mas não especialmente colorida.

Há algum tempo que Elmo não dizia grande coisa.

— Alguma coisa te preocupa, Elmo? — A tempestade atravessou-se à

frente do sol, fazendo o mar parecer ferro enferrujado. Pensei se a frescura teria chegado a Beryl.

— Parece-me que consegues adivinhar, Físico.

— Parece-me que sim. — A Torre do Papel. O Quartel da Encruzilhada. O nosso tratamento ignóbil da nossa comissão. — Como achas que será, a norte do mar?

— Achas que o bruxo negro virá, hã?

— Virá, Elmo. Apenas lhe custa fazer as suas marionetas dançarem a sua melodia. — A quem não custaria tentar domar aquela cidade louca?

— Hmm. — E: — Olha ali.

Um grupo de baleias passava além de rochedos junto ao cabo. Tentei parecer indiferente e falhei. Os animais eram magníficos, dançando no mar de ferro.

Sentámo-nos de costas para o farol. Era como se olhássemos para um mundo que nunca tivesse sido conspurcado pelo homem. Por vezes, suspeito que estaria melhor sem a nossa presença.

— Há ali um navio — disse Elmo.